



"Educação como prática de Liberdade":  
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)  
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9429 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT23 - Gênero, Sexualidade e Educação

## MATERNIDADES LÉSBICAS E PRÁTICAS DE [RES]EXISTÊNCIAS NA EDUCAÇÃO ESCOLAR: AS LUTAS SÃO ATUALIZADAS NO PRESENTE

Luciene Celina Cristina Mochi - UFJF - Universidade Federal de Juiz de Fora

Hilda Aparecida Linhares da S. Micarello - UFJF - Universidade Federal de Juiz de Fora

## **MATERNIDADES LÉSBICAS E PRÁTICAS DE [RES]EXISTÊNCIAS NA EDUCAÇÃO ESCOLAR: AS LUTAS SÃO ATUALIZADAS NO PRESENTE**

**Resumo:** Discutimos neste artigo as narrativas de mães lésbicas e bissexuais sobre a educação escolar de suas/eus filhas/os e de que maneira as percepções que são construídas socialmente a respeito da maternidade podem constituir, no interior das escolas, outros significados sobre famílias. Assim, o objetivo deste texto é apresentar as análises das narrativas contadas por 13 mães lésbicas e bissexuais sobre as escolas de suas/eus filhas/os em pesquisa de campo realizada na região sudeste do Brasil. Debater as relações entre maternidade e escola é determinante para as vidas das mulheres, pois o que antecede e sucede a maternidade e as organizações familiares tem relação direta com as instituições, sobretudo a escola. O artigo, fruto de uma pesquisa de doutoramento, colabora para identificação dos modos como a maternidade foi historicamente pautada por meio das práticas de dominação do corpo das mulheres pelos homens, modulados pela divisão sexual do trabalho. Ao lado disso, a existência das maternidades lésbicas na escola desafia o conceito de família nuclear e promove, ao mesmo tempo, a luta pelo reconhecimento social de suas famílias.

### **Resumo expandido**

Compreendemos que a naturalização das relações, da afetividade e do gênero, centralizada no modelo de família nuclear, percebida nas figuras binárias do pai, mãe e filhas/os, implica nas pautas dos diferentes movimentos sociais, sobretudo o movimento feminista que tradicionalmente debate a maternidade. Os diferentes feminismos ampliam as possibilidades de fortalecimento das maternidades das mulheres lésbicas e bissexuais sem que essas mulheres precisem escolher entre o exercício da lesbianidade ou bissexualidade, e o desejo de ser mães e constituir famílias. Deste modo, a existência das/os filhas/os das mães que são lésbicas ou bissexuais na escola despertam vias de [re]existências para as mulheres que são mães em conjugalidade com outras mulheres. Jules Falquet (2008) parte da hipótese de que as variadas formas de opressões são imbricadas a partir da divisão do trabalho que delega às mulheres a responsabilidade pelo cuidado e manutenção dos membros da família. Para a autora, o trabalho considerado feminino altera as relações de sexo, raça e classe, pois a reprodução está ligada com o trabalho doméstico, que é regido pelo Estado e amparado em

um sistema político heterossexual.

Logo, é no campo dos movimentos sociais que se institui o papel da maternidade lésbica e bissexual, não em dissociação dessas categorias, mas como faces de um mesmo paradoxo na construção de uma identidade fortalecida que se baseia na intersecção dessas múltiplas identidades em ação. Podemos dizer que a abordagem da maternidade suscita ambivalências. Por um lado, há as construções sociais sobre a maternidade e com elas, as atribuições do cuidado como predicado feminino, e por outro, a designação da heterossexualidade imposta às mulheres, sobretudo, para as que são mães. Nas sociedades humanas, percebemos que o poder patriarcal é justificado através da diferença colocada em oposição binária entre mulheres e homens pela diferenciação das categorias “sexo e gênero”. A diferenciação biologizante concentra funções diferentes e hierarquizadas no campo social e pessoal para mulheres e homens, construindo, dessa maneira, posições de comprometimento desiguais na responsabilização e cuidados com as filhas e os filhos.

A feminista Joan Scott (2005), nos convida a pensar nos termos “igualdade-diferença” nas relações humanas. Para a autora, no tempo em que os preconceitos e as discriminações permanecerem, a eliminação da discriminação continuará como desafio presente no campo político e social. Portanto, igualdade e diferença não são conceitos opostos, mas interconexões que permanecem constantemente em tensão e que serão resolvidas de diferentes formas ao longo da história e, por isso, necessitam de análises que possam ser pensadas na maneira como são incorporadas nas políticas e não apenas como uma questão de escolha ética e/ou moral. Assim sendo, igualdade é um princípio tido como absoluto cuja prática é historicamente coletiva e, ao contrário da “[...] ausência ou a eliminação da diferença, mas sim o reconhecimento da diferença e a decisão de ignorá-la ou de levá-la em consideração” (SCOTT, 2005, p. 14). Partimos, portanto, do princípio do reconhecimento da diferença e da decisão de levá-la em consideração sob a perspectiva da visibilidade das maternidades lésbicas e bissexuais na escola, para o desenvolvimento de práticas escolares que sejam capazes de atender de modo respeitoso e com eficiência, às crianças que possuem duas mães.

Compreender as relações de gênero a partir da perspectiva feminista concedeu às mulheres a adoção da maternidade por diferentes prismas, como o ideal da efetivação feminina que possui na experiência materna seu símbolo de poder, mas ao mesmo tempo, possibilitou compreender de que forma as opressões acontecem a partir da maternidade. Tais significados são estruturados de acordo com os acionamentos sociais que ocorrem cotidianamente na vida das mulheres que são mães. Como exemplo, os acionamentos feitos pelas escolas que requerem a presença das mães nas atividades escolares. Essa espécie de “exigência” da figura materna na educação das/os filhas/os é constantemente reforçada pela bancada parlamentar cristã que, por outro lado, apela por um intrusivo “estatuto da família” concebido no modelo de família nuclear.

Estão presentes na análise empreendida na pesquisa que aqui se apresenta, diferentes modos de concepções das maternidades lésbicas com o recorte para as mães que se autodeclararam lésbicas e bissexuais e que possuem filhas/os em idade escolar. Sendo assim, o campo de investigação foi composto por mães que compartilham a maternidade desde um projeto parental idealizado pelo casal (Camila e Raphaela); mães que adotaram juntas uma criança se separando depois e dividindo os cuidados com a filha por guarda compartilhada (Natália); mães que tiveram filhas/os em relações heterossexuais anteriores (Aline, Janaina e Aline Cristina); mãe que optou pela inseminação com doador anônimo e compartilha a maternidade com a companheira (Raquel); mães que adotaram juntas uma filha e esperam pela guarda definitiva (Bell e Mel); mães reconhecidas legalmente pela filiação sócio afetiva (Eugênia e Célia); e mães que apesar de não possuírem documento legal no registro que garanta a dupla maternidade, reconhecem e são reconhecidas pelo afeto maternal

desenvolvido com as crianças de suas companheiras (Clébea e Laís), conforme quadro a seguir.

Quadro – Configurações familiares pesquisadas

	NOME	IDADE	STATUS PARENTAL	FILHAS/OS	MODO DE CONCEPÇÃO
A	Maria Eugênia	57	Guarda definitiva	Francisco (25 anos)	Filiação sócio afetiva
B	Aline	32	Mãe legal e biológica	Ametista (11 anos) e Berilo (8 anos)	Relacionamento anterior
C	Natália	32	Mãe legal por adoção	Rubi (4 anos)	Adoção
D	Camila	33	Mãe legal e biológica	Safira (3 anos)	Fertilização in Vitro
	Raphaela	34	Mãe legal		
E	Raquel	33	Mãe legal e biológica	Citirino e Âmbar, gêmeos (5 anos)	Inseminação em clínica com doador anônimo
	Célia	52	Mãe legal		Filiação sócio afetiva
F	Bella	31	Aguardando guarda definitiva	Lazúli (7 anos)	Adoção
	Mel	36			
G	Janaina	39	Mãe legal e biológica	Rutilo (10 anos)	Relacionamento anterior
	Clébea	40	Sem reconhecimento legal		Reconhecimento afetivo da maternidade
H	Aline Cristina	25	Mãe legal e biológica	Esmeralda (7 anos)	Relacionamento anterior
	Laís	29	Sem reconhecimento legal		Reconhecimento afetivo da maternidade

Fonte: XX[1] (2021).

Neste sentido, o presente artigo apresentará os resultados de uma pesquisa de doutorado que ouviu as narrativas de 13 mães lésbicas e bissexuais sobre a escola de suas/seus filhas/os. Nossa análise auxilia na compreensão dos deslocamentos nas relações de gênero nos contextos escolares. Para além das hierarquizações, dos eixos dos marcadores sociais, a pesquisa contribui para o diálogo com as legislações educacionais brasileiras,

percebendo as famílias lesboparentais a partir da teoria política feminista, no âmbito das relações familiares, animadas pelo afeto e pelo desenvolvimento humano, educacional e social de alunas e alunos inseridas/os na educação básica. A existência das crianças filhas e filhos de mães lésbicas e bissexuais no contexto escolar é uma rica possibilidade de reconstrução no interior da escola, dos seus modos de socialização e de democracia, no desenvolvimento de atitudes concretas para uma educação que seja capaz de atuar para além das desigualdades polarizadas fazendo o exercício de se colocar em análise a respeito das variadas violências existentes nas instituições escolares.

Para tanto, as singularidades existentes nas experiências compartilhadas pelas mães lésbicas e bissexuais constituem contribuições importantes para a escola, visto que cada enunciado narrado pelas participantes da pesquisa deve, de acordo com Mikhail Bakhtin (2011), ser observado, antes de tudo, como uma resposta, uma contrapalavra carregada de sentidos os quais a escola pode reconhecer, rejeitar, confirmar, ou seja, sempre haverá uma ação responsiva. Logo, os discursos, as vozes narradas pelas mães lésbicas e bissexuais a respeito da escola de suas/seus filhas/os são atualizadas no presente e “[...] é impossível alguém definir sua posição sem correlacioná-la com outras posições. Por isso, cada enunciado é pleno de variadas atitudes responsivas a outros enunciados de dada esfera da comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2011, p. 297).

Sabemos que a cultura é produto do trabalho humano e exatamente por isso, ela é um processo histórico no qual as lutas pela existência são atualizadas no presente e, se por um lado os sistemas ideológicos se estruturam por meio da cultura, por outro a palavra é uma arena onde se encontram as vozes que provocam o contraditório, os encontros e desencontros. Sendo assim, se a escola é local da cultura, ela é também o local do encontro e do confronto. Por essa razão, salientamos que os espaços escolares historicamente marcados por normas que são mantidas por meio das reproduções sociais que estabelecem o homem branco, cristão, heterossexual e de classe média como modelo a ser seguido (XX)[2]. A escola entende de diferenças, desigualdades e classificações. A professora Guacira Lopes Louro (2014, p.61) assinala que a instituição escolar, desde o seu início, exerceu ação distintiva ao dividir no seu interior, os adultos das crianças, ricos de pobres, meninos de meninas por meio de “[...] múltiplos mecanismos de classificação, ordenamento, hierarquização”, reproduzindo diferenças polarizadas entre quem poderia e quem não poderia acessar seu espaço desde o início.

Para fins de organização, o presente artigo está organizado em três momentos para além desta introdução. Na primeira sessão, será apresentado como a maternidade esteve (e está) presente nas pautas dos movimentos sociais. Na segunda, selecionamos alguns enunciados narrados pelas participantes da pesquisa sobre as experiências delas com as escolas de suas/eus filhas/os. Na terceira e última sessão, adensaremos o debate a partir das narrativas dessas mães pela luta por visibilidade de suas famílias no contexto escolar. Nas considerações finais, serão sintetizadas nossas reflexões sobre o contexto escolar e a afirmação propositiva das diferentes composições familiares para o desenvolvimento do respeito e da valorização, não apenas das famílias das mães lésbicas, bissexuais e suas crianças, mas sobretudo, para a valorização de todas as famílias presentes nas instituições escolares.

**Palavras-chave:** Maternidades lésbicas e bissexuais. Educação escolar. Feminismos.

## Referências

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Estética da criação verbal**. 6. ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

FALQUET, Jules-France. **Repensar as relações sociais de sexo, classe e “raça” na globalização neoliberal.** Revista Mediações, Londrina, v. 13, n. 1-2, p. 121-142, jan./jun.; jul./dez. 2008. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/3290>. Acesso em: 19 fev. 2021.

LOURO, Guacira L. **Gênero, sexualidade e educação:** uma perspectiva pós-estruturalista. 16. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SCOTT, Joan W. **O enigma da igualdade.** Estudos feministas, Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 11-30, jan./abr. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ref/v13n1/a02v13n1.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2021.

---

[1] Dados omitidos para preservar a avaliação às cegas.

[2] Dados omitidos para preservar a avaliação às cegas.